

tre-se nas práticas terapêuticas ditas 'alternativas' ou 'complementares', que a autora optou por não abordar, mas das quais os atores estudados claramente se diferenciam, sendo parte do *mainstream* da produção acadêmica biomédica. Quanto a este último aspecto, é digna de nota a baixa permeabilidade da prática médica aos medicamentos naturais, também apontada pela autora como obstáculo a ser superado. Mas aqui reside talvez outra questão importante para a pesquisa: para além das barreiras industriais, a baixa interação do campo pesquisado com médicos e/ou epidemiologistas pode também ter desempenhado um papel, além das barreiras industriais, na limitada aceitação, ainda hoje, desse tipo de medicamento. Mais do que mudanças na formação profissional do médico, corretamente apontadas pela autora, esta lacuna demandaria estratégias efetivas de incorporação desses quadros ao próprio campo tecnocientífico por ela estudado. Esta é na verdade uma questão estratégica em vários níveis, uma vez que a participação em 'pesquisas' patrocinadas pela indústria farmacêutica é uma de suas principais estratégias mercadológicas para estabelecer e manter sua dominância.

Em suma, ao retratar um exemplo específico e bem delimitado de estabelecimento de um campo técnico-científico no Brasil – e tornando-se referência obrigatória sobre ele – Fernandes constrói uma obra cujo interesse se estende para muito além do campo que estudou, ou mesmo da própria história das ciências. Com tudo o que tem de específico e contingente, o estudo de caso que a autora nos apresenta oferece inúmeras lições para o estudo da ciência e tecnologia no nosso país em geral, incluindo-se aí subsídios para a ação governamental que se proponha efetivamente a reduzir nossa dependência da indústria farmacêutica multinacional. A importância estratégica deste último tópico deveria ser óbvia, mas ainda assim talvez convenha ser mais explícito, invocando o exemplo da política nacional de HIV/Aids. Esta vem sendo permanentemente ameaçada, apesar de seu sucesso, pelas práticas abusivas de marcação de preço, mas tem usado, com sucesso, a ameaça da quebra de patentes (sancionada pela Organização Mundial do Comércio) como limitador do poder dessa indústria multinacional.

Caso as pontes entre academia e indústria tivessem sido estabelecidas com o mesmo denodo, a situação hoje poderia ser outra, bem mais confortável para a academia, a indústria e a saúde brasileiras.



Mariza Corrêa  
*Antropólogas e antropologia*  
Belo Horizonte,  
Ed. UFMG,  
2003. 278 p.

#### ERRATA:

Na última edição de *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* (v. 12, n. 3) estampamos outra capa em lugar da que corresponderia ao livro de Mariza Corrêa, resenhado por Mariana Françaço, engano que corrigimos na presente edição, remetendo o leitor ao número anterior da revista (p. 1075-9) onde o texto da resenha foi publicado corretamente.